



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

Vanessa Souto Sousa

ABUSO SEXUAL E PROSTITUIÇÃO
EM *SAPATO DE SALTO*,
DE LYGIA BOJUNGA NUNES

Campina Grande

2011

Vanessa Souto Sousa

**ABUSO SEXUAL E PROSTITUIÇÃO
EM *SAPATO DE SALTO*,
DE LYGIA BOJUNGA NUNES**

Monografia apresentada ao curso de licenciatura em Letras da Universidade Federal de Campina Grande, na área de concentração de Literatura, como requisito parcial para obtenção do título de graduado em letras.

Orientador: Prof. Dr. José Hélder
Pinheiro Alves

Campina Grande

2011

Vanessa Souto Sousa

**ABUSO SEXUAL E PROSTITUIÇÃO
EM *SAPATO DE SALTO*,
DE LYGIA BOJUNGA NUNES**

Monografia apresentada ao curso de licenciatura em Letras da Universidade Federal de Campina Grande, na área de concentração de Literatura, como requisito parcial para obtenção do título de graduado em letras.

Aprovado em 01 de Dezembro de 2011

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Hélder Pinheiro Alves
Universidade Federal de Campina Grande
Orientador

Profa. Dra Maria Marta dos Santos Silva Nóbrega
Universidade Federal de Campina Grande
Examinadora

Aos meus pais e meu marido que me deram muito apoio nos momentos mais difíceis da minha vida, estiveram sempre ao meu lado e nunca mediram esforços para me ajudar. E ao meu filho, que já é a razão da minha existência.

Obrigada por tudo!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por tornar capaz este momento tão emocionante em minha vida.

Aos meus pais, Edion e Geusinete, que foram exemplos vivos de perseverança em minha vida e me deram consolo nos momentos de angústia.

Ao meu marido, Weverton, que sempre esteve ao meu lado me dando muito amor e carinho.

Ao meu filho, Wesley Vinícius, que mesmo ainda em meu ventre, foi a fonte de inspiração e estímulo para a conclusão deste trabalho.

Aos meus professores, em especial ao meu orientador Helder Pinheiro, que me ensinaram que por mais que achamos que o nosso conhecimento já está bem profundo, estamos enganados, pois o conhecimento é algo que está sempre se renovando.

E finalmente a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

Pra mim livro é vida;
Lygia Bojunga Nunes

SOUSA, Vanessa Souto. **Abuso sexual e prostituição em Sapato de Salto, de Lygia Bojunga Nunes.** Monografia (Graduação em Letras) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades. Campina Grande, 2011. 39p.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo observar, com base nas leituras teóricas, as questões sociais amplamente discutidas nas obras *A Cama, O bife e a pipoca* e *O abraço* de Lygia Bojunga Nunes, e, em especial o tema do abuso sexual e da prostituição em *Sapato de Salto*. Com relação a esta última obra procura-se entender como se estabeleceu, na vida da personagem principal da obra, Sabrina, após o abuso sexual, a idéia de vender seu corpo como primeira forma encontrada de ganhar dinheiro. Para tanto, nos amparamos nas contribuições teóricas da Análise Literária, como GANCHO e BRAIT e da pesquisa em relação à prostituição, PEREIRA e GOMES. Por fim, concluímos que as obras estudadas mostram, o descaso vivido pela população de um modo geral, em especial aquelas pessoas que precisam se utilizar de meios não comuns para viver, como a prostituição.

Palavras chave: Abuso sexual – Prostituição – Lygia Bojunga – *Sapato de Salto*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. A PROSTITUIÇÃO: ALGUNS TÓPICOS	12
2. FORMAS DE VIOLÊNCIA NA OBRA DE LYGIA BOJUNGA NUNES. 16	
2.1. Questão social: alguns exemplos	16
2.1.1. <i>A cama</i> : A necessidade acima da promessa.....	16
2.1.2. A desigualdade social em <i>O bife e a pipoca</i>	18
2.1.3. O Estupro em <i>O abraço</i>	20
2.2. A prostituição em <i>Sapato de Salto</i>	21
2.2.1. Sapato de Salto: um choque de realidade	24
2.2.2. Sabrina	29
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37

INTRODUÇÃO

Lygia Bojunga Nunes é um dos grandes nomes da literatura infanto-juvenil brasileira. Natural de Pelotas, ela iniciou sua vida artística como atriz de teatro e somente em 1972 começou a se dedicar à literatura. A forma com que trata diversos assuntos polêmicos fez dela uma autora de sucesso, assim desde seu primeiro livro, *Os colegas*, foi e continua sendo apreciada pelos leitores e pela crítica. Lygia trata, em seus livros, de conflitos sociais reais tais como o suicídio, homossexualismo, prostituição, assassinato, o consumismo, os preconceitos em todos os âmbitos, entre outros. Entretanto não deixa de lado o valor estético de seu livros para expor suas críticas à sociedade, equilibrando com maestria o real e a fantasia. Reconhecida pela sua genialidade, a autora recebeu, em 1982, o prêmio Hans Cristian Andersen, pelo conjunto da sua obra.

Em suas obras, a autora se utiliza de uma linguagem coloquial de fácil acesso que envolve o leitor prendendo-o e surpreendendo-o até a última linha do texto. Sua literatura é envolvente e faz com que o leitor adentre verdadeiramente na história e sinta o que suas personagens sentem (chorar ou rir junto com eles). Desta forma me interessei por suas obras, onde pude encontrar seres de ficção que semelhantes a pessoas reais, estes nos chocam por estarem intimamente relacionados com o que vem ocorrendo nos dias atuais.

Assim, concordo com Silva (1994, p. 85) quando esta afirma que “a autora não limita sua obra ao domínio estreito do real, (...) mas avança pelo vasto reino da fantasia, num equilíbrio feliz”, fazendo com que não só crianças e adolescentes se deleitem com sua obra, como também os adultos.

Sapato de Salto foi o primeiro livro que li de Lygia Bojunga, me surpreendi com a incrível forma com que ela trata de temas altamente estigmatizados na sociedade brasileira, tais como o abuso sexual de crianças por parte de adultos que ocupam uma posição de confiança na vida delas, confirmando assim o que é dito por Ribeiro e Dias (2008, p. 02), que “o abuso sexual contra a criança costuma ser no âmbito doméstico, geralmente por alguém que ela conhece, e, na maioria das vezes, guarda segredo por medo de represália do adulto.”. Logo no primeiro capítulo do livro, Lygia narra uma

cena emocionante, em que uma menina de nove anos que é abusada por seu patrão, acentuando assim a curiosidade de seu leitor para saber o que irá acontecer a esta menina.

Após a primeira leitura de *Sapato de Salto*, procurei conhecer outras obras da autora, tais como *A Cama*, *Corda Bamba*, *o Abraço*, *Livro, um Encontro*, *A Bolsa Amarela*, *Tchau*. Estas obras só me fizeram confirmar o quão forte era a sua forma de encantar, muitas vezes chocar, o seu leitor, de fazê-lo viajar em mundos inimagináveis, algumas vezes fantasiosos e outras peculiarmente reais. Também me chamou atenção em suas obras algumas semelhanças entre suas personagens, características psicológicas - geralmente são crianças que passam por conflitos interiores (rejeição, morte dos pais, orfandade, pobreza) e que conseguem de alguma forma resolver estes conflitos - e características físicas, neste caso me refiro as protagonistas dos livros *Sapato de Salto* e *Corda Bamba* – meninas entre nove e dez anos, bonitas, miúdas.

Então, após a leitura de *Sapato de Salto*, perante os fatos noticiados cotidianamente sobre abusos sexuais de menores de idade e da prostituição infantil, e diante de meu interesse sobre esse tema tão polêmico, me motivei a pesquisar esta obra que trata dessa temática que mostra quais as consequências possíveis de um abuso sexual na vida de uma criança.

Por esta razão, estudarei a obra *Sapato de Salto*, da autora Lygia Bojunga, procurando entender como se estabeleceu, na vida da personagem principal da obra, Sabrina, após o abuso sexual, a idéia de vender seu corpo como primeira forma encontrada de ganhar dinheiro. Para isto, analisarei a trajetória da menina órfã que por causa da morte de sua tia Inês se vê na responsabilidade de, além de se sustentar, sustentar sua avó, uma senhora que perdeu sua lucidez depois da morte da filha Maristela, e a solução encontrada por ela é se prostituir para ter o que comer.

No primeiro capítulo, tratamos dos pressupostos teóricos que orientaram este trabalho, apontando as causas e conseqüências da prostituição (infantil ou não), que se apresenta como uma questão social muito grave nos dias atuais, e desencadeia outros fatores sociais ainda mais sérios, como o aumento de adolescentes grávidas e o aumento das doenças sexualmente transmissíveis (pelo não uso de preservativos durante a execução da “profissão”). No

segundo, analisamos, com base nas leituras teóricas, as questões sociais amplamente discutidas em algumas obras de Lygia Bojunga, em especial o tema do abuso sexual e da prostituição em *Sapato de Salto*.

1. A PROSTITUIÇÃO: ALGUNS TÓPICOS

A prostituição é um meio de sobrevivência de algumas mulheres desde a antiguidade. Segundo Pereira (1976, p. 7), “*desde que o homem criou o dinheiro, criou também a prostituta.*” Com a ascensão do Capitalismo este meio de sobrevivência vem crescendo assustadoramente durante os anos e configura-se, hoje em dia, como uma “profissão” em que, na maioria dos casos mulheres, ganham dinheiro em troca de relações sexuais. De acordo com ele, algumas dessas mulheres em busca de uma renda maior, maior conforto na vida, e não tendo qualificação para exercer empregos qualificados, optam por esta “profissão”. Outras (poucas) por algum distúrbio psíquico, perversão, comodismo doentio e vaidade excessiva se expõem a essa vida. Contudo, esta profissão muitas vezes não é escolhida, fatores sociais e econômicos a determinam. Algumas mulheres, ou homens, se prostituem em troca de comida ou de drogas. Por esse motivo, está cada vez mais crescente o número de pessoas que buscam, ou são buscados por esta forma de vida. Desta forma, percebemos que diversas são as causas encontradas para a prostituição, Pereira pontua três:

a – A conduta do homem visando à criação do maior número possível de mulheres de fácil acesso sexual.

b – A necessidade de sobrevivência da mulher economicamente fraca e a ambição de conforto e luxo que ela carrega consigo.

c – Os fatores psíquicos, endocrinológicos e mesológicos.

(PEREIRA 1976, p. 25)

De acordo com ele, o homem também é responsável pela prostituição, pois só há mercadoria se houver clientes: “O homem as quer amantes e amadoras, elas dizem não, e se tornam vendedoras”. O autor ainda acrescenta que vendedoras de seu próprio corpo a serviço do prazer sexual do consumidor masculino, existindo também os homens, que além de seu próprio prazer sexual, “agenciam” mulheres, prometendo fama e riqueza, e uma das formas de conseguir esse objetivo seria a prostituição; outros enganam moças ingênuas, as tiram de suas casas prometendo a tão sonhada profissão de

modelo, as levam pra fora do país e chagando lá, roubam seus documentos e as obrigam a se prostituírem em troca de comida.

Contemporaneamente, as causas apontadas para a prostituição são mais fortemente de caráter social, relacionada à pobreza. Mulheres se prostituem em razão da falta de colocação no mercado de trabalho, não vendo outra opção para ganhar dinheiro são obrigados a venderem seu corpo, corroborando com o que é dito Gaspar afirma que:

(...) uma situação econômica precária, marcada pela difícil colocação no mercado de trabalho por baixos rendimentos, e muitas vezes, pela condição de arrimo e chefe de família, é uma forte justificativa para o fato de a mulher se dedicar a prostituição... diante da sua própria situação de penúria e também da de sua família, é necessário que ela se sacrifique por ela e pelos seus. A prostituição surge então como um recurso quase legítimo para a falta de dinheiro. (GASPAR 1985, apud TORRES, DAVIM & COSTA 1999, p. 11)

Assim, fica claro que a mulher, hoje em dia, se prostitui não por vontade própria, mas por necessidade, seja de se alimentar e se vestir como de sustentar sua família, visto que não lhe é oferecida outra forma de ganhar dinheiro.

A causa apontada acima também traz como consequência a diminuição da faixa etária dessas prostitutas, meninas muito jovens, que ao verem o estado de penúria de seus lares, saem de casa mais cedo com o intuito de ajudar sua família e se deparam com o mercado de trabalho inoportuno e inacessível, por razões já citadas, e encontram na prostituição a forma de alcançar o objetivo almejado. Conforme aponta Bosco Filho (1996 apud Torres, Davim & Costa, 1999, p. 11) quando afirma que “(...) o desencadeamento da crise econômica trouxe para a profissão não só mulheres, mas crianças e adolescentes, de ambos os sexos, que perderam sua infância devido a necessidade de obter capital para sobreviver”

Desta forma, é recorrente a quantidade de menores de idade envolvidos com a prostituição, alimentada por homens mais velhos que preferem garotas cada vez mais jovens, algumas vezes ainda crianças, em busca de suas realizações sexuais.

Além disso, existe o agravante destes menores estarem expostos a um tipo de mercado sexual que existe uma “concorrência”, esta, por sua vez, os levam a sofrerem algum tipo de agressão (física ou verbal) por parte de seus concorrentes; e se envolverem mais cedo com as drogas, oferecidas pelos mesmos. Conforme afirma Torres, Davim e Costa:

“(...) jovens, na busca de trabalho pela sobrevivência, concorrem no mercado com prostitutas profissionais, procurando também de certa forma, satisfazer o luxo da vida moderna, ingressando assim, nesse mundo de prostituição e drogas”. (TORRES, DAVIM & COSTA 1999, p.10)

Diante disso, o que vemos são crianças e adolescentes, de ambos os sexos, adentrando por este caminho tortuoso, muitas vezes sem volta, justificando seus atos com a necessidade de sobrevivência, não buscando outras formas de obter capital, trazendo como consequência para suas vidas, vícios, como o álcool, o tabaco e outras drogas.

Outro fator preocupante inserido nesta “profissão” é de âmbito da saúde pública, ou seja, indivíduos que, ao exercerem seu ofício, ficam à mercê de doenças venéreas, lembrando que elas transmitem as doenças aos homens que as procuram, e estes por sua vez, contaminam suas esposas. Além das doenças físicas esta exposição resulta as prostitutas, problemas psicológicos, como a insônia e a depressão.

Segundo Gomes, Minayo & Fontoura (1999, p. 33) “As consequências desastrosas da prostituição infantil são: gestação precoce e indesejada, aborto provocado, aborto espontâneo, (...) traumas de parto, doenças de transmissão sexual e a própria infertilidade.”. O que reforça a idéia de que diversos são os males ocasionados por esta prática.

Portanto, percebemos que a prostituição, infantil ou adulta, na maioria das vezes, não é uma opção do indivíduo, as causas são de ordem social, envolvem a pobreza extrema e a necessidade sobrevivência, e levam estes indivíduos a optarem por esta vida, que pode trazer para eles, não apenas, o capital buscado, mas também o envolvimento com as drogas, o preconceito, doenças venéreas e violência por parte de seus “clientes” e “concorrentes”.

A literatura vem representando estas situações há muito tempo, como o fez José de Alencar, no século XIX, em sua obra *Lucíola*, em que ele narra a história de Lúcia, uma prostituta que representa a luta entre a força regeneradora da pureza do amor e uma vida de pecados e devassidão. Segundo Andrade e Silva (2009), *Lucíola* destaca “o importante papel social que a prostituta representa [no século XIX]. Seja como alvo do preconceito social, além de mulher, já marginalizada pela cultura machista, e mais ainda, por apresentar-se como um desvio da moral vigente.” Portanto, percebemos que mesmo sendo um tema antigo, a prostituição permanece atual por se tratar de uma situação que vem se agravando a cada dia.

2. FORMAS DE VIOLÊNCIA NA OBRA DE LYGIA BOJUNGA NUNES

2.1. QUESTÃO SOCIAL: ALGUNS EXEMPLOS

Em suas obras, Lygia Bojunga Nunes trata de questões sociais amplamente discutidas cotidianamente, e que fazem com que o seu leitor reflita sobre o que está sendo discutido de uma maneira sutil, utilizando exemplos que se assemelham bastante a realidade em que vivemos. Esta forma de tratar de temas fortes – a desigualdade social, a prostituição, o homossexualismo, o suicídio, etc – torna suas obras instigantes e atemporais.

Buscando refletir sobre o tratamento dado pela autora às questões sociais acima mencionadas apresentamos exemplos de obras em que assuntos dessa natureza são amplamente discutidos.

2.1.1. A CAMA: A NECESSIDADE ACIMA DA PROMESSA

O romance *A Cama*, conta a história de uma cama centenária que permanece na família de um menino chamado Tobias, devido uma promessa feita pelo seu pai, Zecão, e sua tia, Maria Rita, ao seu bisavô em seu leito de morte, eles prometeram que a “cama” ficaria na família e não seria vendida. Mas, com o passar dos anos a sua tia, que saiu de casa contra a vontade de seu pai para viver com um traficante em um morro, necessita vender a “cama” para ganhar algum dinheiro devido à grande miséria que se abateu em sua vida. Ela vive em um barraco sem estrutura nenhuma, passa fome junto com seu filho pequeno, foi abandonada pelo seu companheiro e o único bem de valor que tem é esta cama.

Nessa obra observamos o quão minimamente é descrito o ambiente em que esta mulher em situação de miséria vive com seu filho pequeno, esta descrição tem um tom de denúncia do descaso existente com pessoas na mesma situação em que se encontra a personagem Maria Rita:

Se o barraco já tinha parecido ruim por fora, por dentro era ainda pior: chão esburacado, parede rachada e úmida, uma cortina despencada, rasgada separando um outro cômodo pequeno, onde se via um fogão

pequeno e um bujão de gás. À esquerda da porta de entrada, uma tábua presa na parede fazia de mesa. Dois caixotes para banco. O resto do espaço era tomado pela cama. (...) O colchão era velho, manchado, furado. Só tinha uma coberta pequena nomeio da cama. A criancinha estava deitada nele. (p. 41)

A autora faz questão de ressaltar características de subumanidade no ambiente descrito acima. No momento em que o leitor se depara com esta cena, ele reflete que o que está descrito ali existe realmente e não apenas na ficção, Lygia ainda reforça sua “denúncia” através da revolta que Maria Rita sente ao estar naquela situação: Para isto, ela utiliza, muitas vezes, uma linguagem forte, que mostra a intensidade da revolta de suas personagens.

– Que bisavó porra nenhuma! O que que me importa a maldição dela, do Zecão, da puta que o pariu, se já faz tempo que eu to vivendo a pior maldição que existe! – puxou o seio da boca da criança. – Essa, olha, essa, – a criança gritou chorado – FOME! Olha pra ele! Tá com fome! Eu também to com fome! Já olhou pro que ta tua volta? Já olhou bem pra tudo? Já viu bem o que é ser pobre, viu? Isso sim é que é maldição. Só mesmo quem não conhece a cara dela é que pensa que assusta a gente com castigo pior que a fome.

Percebemos que a fome, questão social discutida nesse momento do romance, é mostrada nua e crua; o tom de denúncia é bastante forte. Lygia utiliza uma linguagem forte para intensificar a dor que aquela personagem está sentido, buscando tocar no mais fundo da alma de seu leitor, que naquele momento é induzido a refletir sobre a situação econômica de miséria que muitas pessoas, representadas por Maria Rita, passam naquele momento.

Este romance passa a ser não apenas uma história de uma herança disputada por irmãos, mas também um alerta para a situação econômica de pessoas que vivem morros, da situação de extrema pobreza que vivem alguns brasileiros.

2.1.2. A DESIGUALDADE SOCIAL EM *O BIFE E A PIPOCA*

O bife e a pipoca é um dos contos encontrados no livro *Tchau!*, de Lygia Bojunga Nunes. Nele nos deparamos a história de dois meninos, Rodrigo e Tuca, o primeiro rico, e o segundo menino pobre morador da favela que estuda como bolsista em uma escola particular onde Rodrigo também estuda.

Este conto apresenta como tema principal a desigualdade social, meninos de diferentes classes sociais que buscam manter uma amizade apesar de alguns inconvenientes vividos devido à diferença de “mundo”.

A aproximação dos dois se deu na hora do intervalo, momento em que Tuca nunca saía da sala, Rodrigo também ficou na sala para terminar um trabalho, estava comendo um sanduíche quando percebeu que Tuca estava com muita fome e ofereceu o sanduíche a ele, desta forma começaram a se falar. Tuca também estava sentindo dificuldades em acompanhar o ritmo de estudos na nova escola e Rodrigo passou a ajudá-lo nas horas do intervalo e assim tornaram-se bons amigos.

O conflito central do conto se dá quando Tuca convida Rodrigo para comer pipoca em sua casa e Rodrigo chama-o para almoçar em sua casa para só depois eles irem comer a tal pipoca. Quando Tuca chega na casa de Rodrigo se surpreende com o ambiente em que o Rodrigo morava - apartamento com porteiro, empregada, sala grande, quarto com TV e armário com muita roupa dentro, geladeira cheia, tudo muito diferente do que ele estava acostumado a ver:

Ele e nunca tinha pisado num edifício daqueles: porteiro, tapete, espelho por todo lado, empregada abrindo a porta pra ele entrar. (...) E quando viu o tamanho da sala; e quando entrou no quarto que o Rodrigo tinha (só pra ele!) com TV, aparelho de som, armário em toda a parede (uma porta estava aberta, nossa! quanta roupa lá dentro) (...) e foram na geladeira (que é isso! que cozinha tão grande! que cozinha de uniforme! que monte de comida lá dentro da geladeira!).
(p. 55-56)

Neste momento, observamos a intencionalidade da autora em mostrar a surpresa de um menino pobre ao se deparar com tanta coisa diferente de seu

mundo, muita fartura, empregadas uniformizadas, percebemos o distanciamento da realidade do Tuca. Tudo para ele era novo, muito irreal, tanto que o menino ficou abobalhado e no momento em que foi almoçar se atrapalhou com o bife tão grande e bonito que tinham colocado pra ele e acabou derrubando-o em tapete bege e foi aquele estardalhaço. Tuca acabou não comendo o bife que ele tanto tinha gostado de olhar.

Após o almoço, conforme o combinado, eles foram a casa do Tuca comer pipoca; o Tuca meio que tentou não levar mais o Rodrigo lá com vergonha do que o amigo iria ver mas o Rodrigo não aceitou. E na subida desta vez a surpresa era de Rodrigo, que não acreditava no lugar que estava vendo, muitas crianças descalças, barracos parecendo que ia cair, mau-cheiro, o barraco do Tuca muito pequeno para 11 pessoas viverem e a mãe do Tuca bêbada jogada num colchão:

E o Rodrigo olhando cada barraco, cada criança, cada bicho, vira-lata, porco, rato. (...) Será que criança nenhuma tinha sapato? E aquele cheiro de lata de lixo? não ia passar não? (p. 69)

Enquanto o garoto falava, o Rodrigo ia olhando pro barraco: dois cômodos pequenos, um puxado lá fora pro fogão e pro tanque (...) Juntando tudo era menor que a cozinha da casa dele; e eram onze irmãos morando ali! e mais a mãe! (p. 70-71)

Nesse fragmento observamos, a surpresa de Rodrigo ao se deparar com a extrema pobreza em que o amigo vivia. Mais uma vez é possível perceber denúncia social que Lygia expõe em suas obras, ao expor realidades tão diferentes.

Neste conto também é possível ver a revolta anteriormente citada, nas personagens de Lygia, ao perceberem a situação vivida por eles. Nesse caso, Tuca se revolta com o amigo Rodrigo e desconta nele a sua insatisfação de passar por todas aquelas privações derrubando o amigo em uma poça de lama.

Nesse conto a autora, mostra que apesar das diferenças sociais existentes, há a possibilidade de construção de amizades entre pessoas de níveis sociais diferentes. Ao final do conto os dois amigos se entendem e

procuram construir uma amizade apesar dos percalços surgidos diante dos contrastes sociais.

2.1.3. O ESTUPRO EM O ABRAÇO

Em *O Abraço* Lygia Bojunga vai buscar no mais íntimo de sua personagem Cristina o resultado de uma experiência sexual amarga, o estupro, vivida por Cristina-menina e refletida na Cristina-mulher. Com oito anos de idade Cristina foi estuprada por um homem em uma viagem que ela fez a uma fazenda de um amigo de seu pai. Com 19 anos ela reencontra com o homem que a estuprou em um circo vestido de palhaço. O mais interessante é que ao invés de sentir raiva ela sente-se atraída pelo mesmo e tenta vê-lo.

No início da história, Cristina encontra uma mulher misteriosa em uma festa que diz que já a conhecia e ao abraçá-la reconhece como uma amiga de infância que havia desaparecido quando ela tinha oito anos.

No decorrer da história Cristina sempre lembra-se desta mulher como a amiguinha dela que havia sumido aos sete anos e nunca mais ninguém a havia encontrado. Toda a história é construída em diálogo, Cristina está contando este fato de sua vida à própria autora Lygia Bojunga.

Ao final do romance, Cristina recebe um telefonema dessa mulher misteriosa e marca de encontrar-se com ela em uma festa, e naquela festa ela reencontra o palhaço, que a arrasta para mata, a estupra e a enforca com uma gravata.

A narrativa de Lygia é uma denúncia de um crime que não tem perdão. Como apropriada autora retrata em um trecho do livro:

– O abraço que eu te dei foi pra você nunca esquecer o que ele fez contigo quando você só tinha oito anos. Não é porque você só tinha oito anos não. Podia ter dez, vinte, cinqüenta, cem, não importa! O que importa é que não existe perdão pra quem arromba o corpo da gente. – Sacudiu a cabeça assim, ó, e falou: – E você vai e transforma o abraço do não-perdão num abraço de tesa: você é mesmo uma infeliz, você merece o pior. (p. 43)

Essa narrativa se diferencia das demais citadas, pois o tom de denúncia é claro e bem mais forte. Aqui, a autora deixa claro que o estupro é um crime que não tem perdão. E de certa forma dá um alerta para que os pais que lerem esta história percebam alterações psicológicas em seus filhos após um acontecimento semelhante. Claramente, esta narrativa não é direcionada para o público infantil.

2.2. A PROSTITUIÇÃO EM *SAPATO DE SALTO*

Sapato de Salto conta história de Sabrina, uma menina de nove anos que sai de um orfanato para uma casa de família para trabalhar como babá. Logo quando chega nesta casa não é bem recebida, a dona da casa, Dona Matilde, a trata com desdém e não gosta muito do seu jeito; já seu marido, Seu Gonçalves, tenta amenizar o que é dito pela mulher e a convence da permanência da menina em sua casa.

Seu Gonçalves faz uso de sua simpatia para atrair Sabrina aos poucos para seu prazer sexual, ele, através de pequenos presentes, atrai a menina ao seu bote. Sabrina passa a ser abusada constantemente, até que sua tia Inês a encontra e vai buscá-la.

Após sair da casa de Seu Gonçalves, Sabrina foi morar com sua tia Inês, e sua avó materna, Dona Gracinha, uma senhora que perdeu sua lucidez após a morte de uma filha (a mãe de Sabrina). A menina passou a ser bem tratada, sua tia a cuidava muito bem, dando-lhe uma vida descecente e digna.

Em uma das aulas de dança, que Sabrina observava, ela conheceu Andrea Dória, um rapazote com problemas de identidade sexual, com quem constrói uma bela amizade.

Contudo, no capítulo oito do livro, a Tia Inês foi assassinada, na frente de Sabrina e de Dona Gracinha, por um “cafetão” que a agenciava quando ela morava no Rio de Janeiro. Tal morte trouxe para Sabrina novos momentos de desespero, pois Inês era quem sustentava a casa e o dinheiro que ela havia deixado não durou por muito tempo. Ao ver o dinheiro se acabando, Sabrina não viu outra alternativa a não ser conseguir dinheiro da mesma forma que sua

tia, e começou a vender seu pequeno corpo em troca de sua sobrevivência e da sua avó.

Durante este período Sabrina também continuou a dançar com Andréa Dória, pois gostava de dançar e amenizava um pouco o sofrimento, E ele comentava em casa a situação da menina que vivia com a avó, sem mencionar que ela se prostituía, Ao ver a situação da amiga de seu filho, Paloma (mãe de Andréa Dória), resolveu visitá-la, para levar alguma comida, e ao conversar com Sabrina descobriu como ela estava se virando e propôs um trato para que ela parasse com aquela prática, a menina aceitou.

No entanto, existia ainda um problema, as pessoas da cidade já estavam comentando sobre o que a menina estava fazendo e resolveram fazer um abaixo assinado para mandá-la para uma casa de menores e a sua avó para um asilo. Diante disso a solução encontrada por Paloma foi adotar a menina e a sua avó, mesmo contra o seu marido, o que causou a separação dos dois.

O livro, além da história de Sabrina, conta a de Paloma, uma mulher sensível casada com um homem machista e que perde a filha que estava esperando, e de seu filho Andrea Dória, um menino inicialmente homossexual e que se envolve com outro rapaz, Joel, que o abandona, fazendo surgir em sua cabeça a dúvida sobre sua identidade sexual.

Sapato de Salto, apresenta uma verossimilhança extraordinária. A autora constrói o enredo de forma bastante organizada, mantendo a expectativa dos fatos que virão a ocorrer, graduando os acontecimentos e criando novos conflitos a cada capítulo.

De acordo com Gancho (1991, p. 13), este enredo classifica-se como psicológico, pois “os fatos ocorridos [durante a trama] nem sempre são evidentes”. A maneira com a qual Sabrina se comporta não depende apenas da ação conseqüente dos fatos ocorridos, mas de conflitos psicológicos da menina.

E o grande segredo dos dois passou a animar a vida dele, a botar sombra nos dias dela; e de noite, a mesma tensão: ele hoje vem? O olho hipnotizado pela maçaneta redonda, de louça branca, o coração batendo assustado. Foi se esquecendo de prestar atenção no estudo, foi se esquecendo de pensar que cor era isso e aquilo, nunca mais desenhou. (p. 21)

Aqui podemos observar o efeito traumático que o abuso sexual trouxe para a menina. Em consequência disso, a prostituição, por exemplo, não seria a forma mais indicada para Sabrina, uma criança, ganhar dinheiro após a morte de sua tia, mas devido ao histórico de abuso sexual sofrido por ela e o fato de sua tia ter sido uma prostituta, a fez tomar essa atitude.

A história é bastante atual, escrita a pouco mais de cinco anos, uma das obras mais recentes da autora. Todo o enredo se passa em dias atuais e tem a duração de aproximadamente um ano, entre a contratação de Sabrina para ser babá e sua adoção por Paloma. A trama é repleta de *flashbacks*, estes vão explicar os motivos pelos quais Sabrina fora abandonada em um orfanato ainda bebê e também tentar ludibriar os leitores para as reais causas da prostituição da menina, procurando de alguma forma justificar, a “profissão” também “escolhida” pela sua mãe e sua tia:

A tia Inês baixou o papel e olhou para Sabrina:

– Taí: a tua mãe ainda não tinha feito quinze anos e já tava trepando pra não passar fome. Então... – deu de ombros – eu acho que ela não ia ficar aborrecida com você não. Ia ficar triste feito eu fiquei agora que você me contou essa história. E também ia ficar puta da vida com o tal Gonçalves. Feito eu to. Mas ia entender fácil. Feito eu entendo. (p.106)

Os espaços da narrativa se dividem entre a casa de seu Gonçalves, primeira casa que Sabrina mora após sua saída do orfanato, espaço este onde ocorre o abuso sexual da menina, a casa amarela, casa que Sabrina passa a morar com sua tia Inês e sua avó Gracinha, aonde ocorre grande maioria dos fatos narrados e a casa de Paloma, lugar em que Sabrina passa a morar junto de sua avó após serem adotadas por Paloma, que já morava com seu filho Andréa Dória.

Em alguns capítulos, como *A lua e...*, *Betina Outra vez no Largo da Sé* e *Novos caminhos*, é possível observar também o espaço em que Paloma e seu irmão Léo sempre conversavam: um banco de praça no Largo da Sé, onde observavam um antigo casarão que durante a história é demolido para dar lugar a um espigão.

2.2.1. *SAPATO DE SALTO*: UM CHOQUE DE REALIDADE

Nesta obra, Lygia Bojunga traz a tona temas polêmicos, tais como o abuso sexual de crianças por parte de adultos que detêm a confiança das mesmas; a prostituição infantil, fato hoje comum nas grande e pequenas cidades, pois grande maioria das prostitutas atualmente tem menos de 18 anos; a homossexualidade, representada por Andrea Dória, gerando conflito no âmbito familiar; o machismo, representado pelo marido de Paloma, Rodolfo, que a detém presa a convenções; a violência de vários tipos, tanto física quanto moral; o trabalho infantil, abordando o fato de meninas menores que saem de orfanatos ou até de suas casas para trabalhar em casas de família; a morte, através do assassinato da Tia Inês, que foi presenciado pela Sabrina, e do suicídio de Maristela, menina jovem que não suportou o peso de sua culpa por ter engravidado de um homem casado.

Conforme cita Bortulozzi (2010, p. 42), esta obra da autora Lygia Bojunga diferencia-se das demais, pois “É o predomínio do real sobre o fantástico que pinta os tons esmaecidos dessa história, onde não há bolsas, nem madrinhas, nem portas de saída que suavizem as dores de uma existência crivada de aflições.” Por esta razão, seus conflitos se assemelham tanto com os que ouvimos falar cotidianamente.

O título da obra, *Sapato de Salto*, com relação ao enredo, faz referência a mudança de estágios na vida da menina Sabrina, que ao calçar um sapato de salto, se torna uma prostituta. O Sapato de Salto em sua vida era utilizado apenas nos momentos em que a menina ia se prostituir; ela o utilizava para parecer mais madura, mais mulher e esconder a menina de apenas 11 anos. No decorrer do enredo constatamos que essa relação sapato de salto–prostituição foi construída na vida de Sabrina através da referencia existente na sua Tia Inês que os utilizava para guardar o dinheiro obtido em seus “encontros”. A relação da Inês com o Sapato de Salto se inicia em sua adolescência quando ela compra sua primeira sandália de salto alto e, a partir daí, marca sua transição de menina para mulher. Ela se apaixona por um cafetão e passa a querer estar sempre bonita para ele; sua paixão é tão enorme que ela abandona sua mãe para viver com ele, só que ao ir embora

sua vida não é a esperada, ela entra em contato com as drogas e com a prostituição, passando a ser “escrava” de seu mal feitor.

O tema prostituição perpassa toda a o romance e é representado pelas seguintes personagens Sabrina, Inês (tia de Sabrina), Maristela (mãe de Sabrina). A autora deixa subentendido que todas elas não se tornaram prostitutas por mera vontade, existiram fatores que as levaram a se prostituir.

Seguindo a ordem cronológica do enredo a primeira enveredar-se nesta vida foi Maristela, mãe de Sabrina. Ao sair de casa grávida de seis meses. Sem o apoio do pai da criança e não conseguindo arranjar um emprego “digno”, a única forma que ela encontra de ganhar dinheiro é se prostituindo, pois já encontrava-se em estado de miséria, não tendo o que comer:

“(...) Com essa barriga não arranjo emprego. Tentei de babá, faxineira, tudo. Mas não deu. Não tenho coragem de voltar para casa. O jeito foi aquele mesmo que você conhece. Tem homem que gosta, não é? de trepar com mulher de barrigona. A criança está para nascer. Fico com muita fome. Fazer o quê?” (p. 105)

Neste fragmento é possível observar que a linguagem utilizada pela autora torna o texto cada vez mais verossímil, aproximando-se muito da linguagem utilizada no cotidiano o que resulta na identificação do leitor, “pois o texto lhe fala de acordo com o idioma que ele usa. Ao mesmo tempo em que traz o leitor para mais perto da história, reconhece-se que o apego pelo informal constitui-se como critério de literariedade do escrito bojunguiano.” Conforme explica Cunha e Feba (2008).

A segunda a entrar nesta vida foi Inês, a tia de Sabrina. Ela iniciou seu percurso por causa de uma paixão avassaladora por um vigarista que a levou ao mundo das drogas e da prostituição, fazendo com que ela abandonasse sua mãe. Após conseguir se livrar do vigarista, ela voltou para visitar sua mãe e descobriu que ela estava em um asilo de loucos e também descobriu que sua sobrinha, Sabrina, que ela achava que estivesse morta, estava em um orfanato. E, tentando consertar sua vida foi buscar a sua mãe sua sobrinha para viverem juntas na cidade em que ela havia nascido. Mas, como a única forma de ganhar dinheiro conhecida por Inês era a prostituição, passou a

receber homens em sua casa, com o pretexto de que eles iriam ter aulas de dança.

“Não era ainda meia-noite quando acordou com a voz da tia Inês na porta da rua. Estava se despedindo de alguém. Voz de homem. Voz que a Sabrina não conhecia. Vinha luz da sala. Do quarto da tia Inês também. A dona Gracinha dormia fundo e, de vez em quando, roncava. A porta da rua se fechou ; a luz da sala se apagou. Ressoaram passos na calçada. Passos da tia Inês também, indo pro quarto” (p. 103)

E, por ultimo, Sabrina, optou por essa “profissão” após a morte de sua tia Inês, que era quem sustentava a casa. A menina sabia que a tia guardava dinheiro em seus sapatos e usou todo o dinheiro que ela tinha deixado guardado, mas este acabou logo obrigando Sabrina a arrumar alguma forma de ganhar dinheiro. Sabendo a forma com a qual sua tia se virava e lembrando que ganhava dinheiro de Seu Gonçalves em troca de sexo, foi essa a forma que ela encontrou de solucionar seus problemas financeiros.

“O homem veio avançando. Volta e meia virava a cabeça pra se certificar que Sabrina vinha atrás. (...) O olho do Andrea Dória se prendeu na Sabrina: a cara muito séria; uma sainha muito curta. Mas uma vez o Andrea Dória de surpreendeu: achou que, de repente, a Sabrina tinha crescido. (...) o olho do Andrea Dória viu o pé dela calçado num sapato abotinado de salto bem alto, tal e qual o que Inês usava para dançar. Pouco depois os dois sumiam no terreno onde as moitas se adensavam e o mato era mais alto.” (p. 160-161)

Observamos que a autora deixa claro que as três foram levadas a se prostituir e não se prostituíram por vontade própria. Fatores sociais as levaram a optar por esta vida: fome, miséria, drogas, abusos sexuais. E nenhuma delas estava satisfeita nessa posição, almejavam sempre uma melhoria de vida, o que é bastante comum entre as prostitutas, a maioria delas não estão envolvidas nesse meio de vida por que querem, mas por fatores que as levaram a escolherem esta opção de vida.

Ao observarmos as características físicas de uma prostituta, sempre nos deparamos com roupas decotadas, cores fortes e expressivamente um *Sapato de Salto*, elas o utilizam, pois ele faz com que a mulher se torne mais feminina e apreciada pelos homens.

“[Os sapatos de salto] fazem a pelve oscilar, o que projeta os seios para frente e salienta as nádegas, eles alongam as pernas, visualmente, o que por sua vez atrai os olhos para cima, para a genitália. Ao contrair os músculos da parte inferior da perna, os sapatos de salto alto afinam a barriga da perna e o tornozelo. O salto alto faz com que pé pareça menor, ao posicioná-lo num ângulo extremo, o que também exagera o arco do peito do pé. Por fim, eles mudam consideravelmente o andar da mulher, justificando assim, a atração que eles exercem sobre os homens.” (CAMPOS, Ingrid. 2007)

Assim, ao usar desses artifícios, as prostitutas atraem os homens, seus clientes. Na obra analisada, percebemos as características típicas de uma prostituta ser mostrada pela personagem Inês:

“Uma mulher na casa dos trinta (...) cabelo: ruivo, farto, uma mecha loura daqui, um encaracolado de lá; desceu pra orelha: argolona dourada na ponta; atravessou pra boca: o lábio era grosso, o batom bem vermelho; mergulhou pro pescoço: conta de vidro dando três voltas, cada volta de uma cor; o olho ganhou velocidade, atravessou no decote ousado, meio que tropeçou na alça da bolsa e foi despencando pro cinto grosso (que cinturinha que ela tem!), e pro branco apertado da saia, e pra perna morena e forte, que descansava o pé num sapato de salto. Bem alto. Unha da mão pintada da mesma cor do batom.” (p. 27-28)

E também, mas adiante, a transformação da vestimenta da personagem Sabrina no momento em que ela vai se prostituir.

“O olho do Andrea Dória se prendeu na Sabrina: a cara muito séria; uma sainha muito curta. Mas uma vez o Andrea Dória de surpreendeu: achou que, de repente, a Sabrina tinha crescido. (...) o

olho do Andrea Dória viu o pé dela calçado num sapato abotinado de salto bem alto, tal e qual o que Inês usava para dançar.” (p. 160-161)

Percebemos que ambas, se utilizam dos artifícios citados acima para atrair seus futuros clientes, mas a grande diferença entre Sabrina e Inês, seria a forma com que elas se vestem no seu cotidiano. Inês encarnou a forma de se vestir de uma prostituta, ela não usa seus decotes e sapatos de salto apenas no momento em que vai se prostituir, usa diariamente. Enquanto Sabrina só calça o sapato de salto no momento em que vai se prostituir, em seus momentos caseiros a menina prefere estar de pé no chão, como se aquele sapato de salto fizesse com que ela perdesse sua inocência de menina e se transformasse em uma mulher que tinha que trazer dinheiro para dentro de casa de qualquer forma.

Além desse tema tão polêmico (prostituição), o livro *Sapato de Salto* também aborda temas altamente discutidos na sociedade como o homossexualismo, o trabalho infantil, o machismo, o suicídio e a gravidez na adolescência.

Inicialmente nos deparamos com a temática do trabalho infantil e a violência que pode ser acometida durante estes trabalhos, como o abuso sexual e a violência física, nesse caso a personagem que os representa e a protagonista Sabrina. Em seguida o tema que surge no segundo capítulo e permeia toda a trama como temática principal é a prostituição. Ao conhecer a história de Sabrina o leitor se depara com a temática da gravidez na adolescência e do suicídio, pois sua mãe, Maristela, engravidou dela com apenas quinze anos e ao ser abandonada pelo pai da criança se suicidou, afogando-se num rio.

Com relação ao tema homossexualismo, a autora traz o caso de um adolescente, Andrea Dória, filho de um homem muito preconceituoso e machista, Rodolfo, que vê seu filho beijando outro rapaz e atribui a homossexualidade do filho a criação dada a ele por sua mãe, Paloma.

As histórias das personagens se entrecruzam brilhantemente durante a trama, o que resulta num belo desenrolar do enredo, onde a menina Sabrina e sua avó Dona Gracinha são adotadas por Paloma, que resolve se separar de

seu marido, um homem bruto e machista que não aceita a condição homossexual de seu filho Andrea Dória.

2.2.2. SABRINA

Sabrina, protagonista da obra *Sapato de Salto*, representa fortemente a imagem de meninas existentes em nossa sociedade. Meninas que por algum motivo, no caso dela, a busca de uma “família” que ela não tinha no orfanato, vão trabalhar em casas de família para servirem de babá ou empregada doméstica.

A menina apresenta características típicas das garotas de sua idade, dez anos, sorridente, brincalhona, bonita, esperta, viva, gosta de crianças pequenas, etc. Características essas, despertaram em seu Gonçalves o desejo por ela, a autora insinua, já no primeiro olhar dele para ela, algo implícito, ele passa a defender a estadia da menina em sua casa já por algum interesse.

Durante as brincadeiras com as crianças Sabrina se divertia bastante, trabalhava muito, mas não percebia, pois ela sentia que havia encontrado sua “família”, gostava das crianças que cuidava como irmãos, tinha Dona Matilde como sua mãe, mesmo sendo repelida por ela e considerava seu Gonçalves com um pai. No entanto, para eles Sabrina era apenas uma empregada, que Dona Matilde gostava de se escorar e que Seu Gonçalves pretendia usá-la como amante. Ele primeiro conquistou a confiança da menina com presentinhos simples, como bombons, balas, lápis de cor, sabonete, Em seguida, passou a dar aulas para a menina, atendendo a um pedido dela, e após ganhar completamente a confiança de Sabrina, a estuprou, desconsiderando os sentimentos da menina, que o via como um pai.

Após o estupro, a vida de Sabrina se transformou completamente, ela não exalava mais a alegria de viver que tinha antes do ocorrido, passou a ser uma criança apreensiva, tinha medo do que pudesse vir a acontecer com sua vida se Dona Matilde descobrisse o que ocorria todas as noites em seu quarto.

E, um dia ela descobriu, passou duplicar o trabalho da menina, e quando ela não dava conta era agredida fisicamente.

Assim, o que para Sabrina havia sido um sonho de ter uma família, se tornava um pesadelo. Até que surge a tia Inês para resgatá-la, a irmã de sua mãe que descobriu que Sabrina tinha sido levada para esta casa para trabalhar de babá. Novamente surge um raio de esperança na vida da menina, desta vez ela tinha uma tia de sangue e uma avó, que eram verdadeiramente sua família. Sabrina volta ser criança e a ter novamente sonhos de criança.

Já no seio de sua nova família, Sabrina conhece o carinho de uma pessoa que verdadeiramente se importa com seu bem-estar, Inês passa a ser a sua referência de amor familiar. Nesse convívio, Sabrina descobre sua origem e motivo que levou sua mãe a abandoná-la em um orfanato, e também sabe que sua mãe teve que se prostituir quando estava grávida para poder se alimentar e imagina¹ que sua tia se utiliza do mesmo meio para sustentar a família.

Mas, como se não bastasse o trauma do abuso sexual sofrido pela menina, ela presenciou o assassinato de sua tia Inês, morta pelas mãos de uma antiga paixão que a levou, por um bom tempo, à decadência como ser humano.

Após ter sua tia assassinada, Sabrina teve que esquecer novamente que era uma criança e calçar o sapato de salto da tia Inês e buscar uma forma de ganhar dinheiro para manter ela e a sua avó. Em sua mente veio apenas a prostituição como trabalho. Não sabemos o que levou a menina a tomar essa decisão, talvez a lembrança do dinheiro que ganhava quando seu Gonçalves abusava dela, ou até saber que sua mãe e sua tia também optaram por este caminho. O que sabemos é que uma criança de dez anos, estava se expondo desta forma em busca do sustento de sua família.

Desta forma, prostituição infantil e o abuso sexual de crianças, de qualquer modo que aconteçam, qualquer situação, surgem sempre como fatos chocantes e cruéis. As crianças que sobrevivem a esses fatos têm uma história

¹ Imagina, pois em nenhum momento do livro é possível saber com clareza se Sabrina sabia que sua tia se prostituía. A autora apenas deixa implícito, para que o leitor imagine.

comum a contar: a história da violência. As marcas desta violência são visíveis nos corpos e nas mentes, mesmo para aqueles que fazem força para não ver.

Para Minayo (1990, apud Gomes, 1994) existem vários níveis de violência:

O primeiro nível – a violência estrutural – caracteriza-se pela existência de um sistema social desigual, tendo como conseqüência a fome, o desemprego e os demais problemas sociais enfrentados pela classe trabalhadora. Já o segundo nível – a violência revolucionária – relaciona-se à resistência, que se expressa na luta de grupos oprimidos e discriminados contra a dominação legitimada. Por último, o terceiro nível – a delinqüência – diz respeito às chamadas transgressões sociais, que não podem ser entendidas, de forma simplista, como um fenômeno natural, uma conduta individual patológica ou um atributo de pobres e negros. A autora citada observa que qualquer forma de violência não pode ser compreendida isoladamente, e sim vista em rede. (Minayo 1990, apud Gomes, 1994, p. 63)

No caso de *Sapato de Salto*, podemos verificar o terceiro nível de violência no momento do abuso sexual sofrido pela protagonista advinda de um orfanato. O homem que a adotou abusou da menina, apenas pelo desejo sexual sentido por ele, assumindo assim o papel de delinqüente. Também podemos constatar a presença do primeiro nível de violência, pois a menina havia sido adotada para ser babá na casa do abusador, sendo assim estavam em níveis sociais diferentes, patrão-empregada, a menina estava sujeita as vontades do patrão que dava a ela casa e comida, resultando assim no silêncio diante do abuso.

“– Ih, mas ela é muito pequena para ser boa babá.” (p. 7)

“– Você veio aqui para trabalhar e não para brincar” (p. 7)

“– Esse vai ser o nosso maior segredo viu? – e foi brincando de roçar o bigode na cara dela.” (p. 20)

A forma com que o abuso sexual aconteceu nesta obra, sempre que a menina era abusada recebia algo em troca, presentes, e mais tarde dinheiro, fez com que fosse construída em sua cabeça idéia de prostituição: através da relação sexual ela conseguiria dinheiro.

“Ou chocolate. Ou revista em quadrinho. Ou lenço. Mas sempre levava uma coisa. E quando não levou explicou:

– Hoje não deu pra comprar.

– Ah...

– Mas guarda esse dinheirinho. – Saiu.

Sabrina levantou, pegou o dinheiro, levou pra junto da janela, examinou, largou pro lado, sentou. Ficou olhando pro chão. Pegou de novo o dinheiro, dobrou devagar a nota, enfiou ela no colchão. E, na outra noite, quando seu Gonçalves já ia saindo:

– Ei!! E o dinheirinho?” (p.p. 25-26)

Diante disso, no momento em que, por causa da morte de sua tia, que a sustentava, ficou sem ter o que comer, resolveu vender seu corpo, mesmo não gostando e se sentindo violentada, para conseguir se alimentar e alimentar sua avó.

Não! Não! É ruim! Eu sou pequena aqui também. Dói quando entra, é ruim não gosto. É ruim quando acaba também, e às vezes, a gente quer tomar banho e não pode; é ruim o jeito que eles olham pra gente, feito coisa que a gente é... sei lá, mas é ruim. (p. 219)

Portanto, percebemos o que uma violência dessa magnitude pode causar a mente de uma criança, não apenas o trauma do abuso, mas a construção de idéias negativas na vida desses seres em construção.

Além disso, as crianças ou adolescentes que estão em situação de prostituição são fortemente discriminadas pelas pessoas ditas “normais”, sofrem preconceitos, insultos, conforme o que Ribeiro e Dias (2008) afirma abaixo:

“As atitudes das pessoas vistas como “normais” em relação a grupos minoritários assumem distintas formas de discriminação. Esta se fundamenta pela lógica que inferioriza quem é estigmatizado devido ao perigo que essa pessoa representa.” (Ribeiro & Dias 2008, p. 469)

Em *Sapato de Salto*, estando na posição de “puta” (prostituta), Sabrina passa a ser discriminada pelos seus vizinhos, que fazem um abaixo assinado solicitando que a menina fosse levada para um orfanato e sua avó para um asilo de loucos.

Abriu a bolsa preta pendurada no antebraço, e retirou com cuidado o documento de lá de dentro. (...) Você há de concordar que devemos tomar uma providencia. E rápido. (...) todos que querem, e eu duvido muito que qualquer pessoa de bem não vá querer, têm que assinar imediatamente essa petição, pra ser anexada a outros documentos que já estão sendo providenciados no cartório e que vão permitir a remoção da menina pra um orfanato e da velha pra um asilo de... um asilo que trata dessa gente” (p.p. 227-228)

O que revela o preconceito existente na sociedade para com essas crianças que optam por este caminho. Em nenhum momento é pensado o que levou a criança a estar nessa situação, mas existe apenas a idéia de acabar de qualquer maneira com a situação, visando apenas o perigo que elas representam a moral e aos bons costumes, e não o bem estar das mesmas.

Corroborando com essas afirmações, disse Ribeiro & Dias 2008:

“A criança discriminada e identificada com o estigma de prostituta convive com situações de exploração, humilhação, sofrimento e exclusão. Além de ser responsabilizada pela opção que supostamente fez, fica impedida de romper com o lugar social que lhe foi destinado.” (Ribeiro & Dias 2008, p. 469)

Assim, a criança que se prostitui é estigmatizada na sociedade que deveria acolhê-la, com a finalidade de retirá-la desta situação tão deprimente para uma criança que deveria estar na escola buscando conhecimentos e almejando um futuro de vitórias profissionais e pessoais. Entretanto, a realidade aponta apenas restrições a estas crianças.

As conseqüências para a vida dessas crianças são apenas negativas, além do que já foi citado anteriormente, existem ainda os traumas psicológicos, como a redução da auto-estima, a criança passa a se inferiorizar em comparação às outras pessoas, se acha defeituosa, e ela própria se exclui dos olhares discriminatórios, evitando tráfegar em vias de bastante movimento e saindo de suas casas apenas para exercer sua “função”.

Nossa protagonista apresenta alguns momentos de redução da auto-estima se auto-rotulando de “puta”:

--- Sabia que eu sou puta? – ela insistiu. Deu de ombros. – Se não sabia ficou sabendo.

Andrea Doria tentou se recuperar do choque.

--- Que que isso, Sabrina, você não pode ser puta!... você ainda é muito criança.

--- Eu sou, ué!

--- Mas por que você acha que é?

--- Porque eu sou já disse!

(pp.168-169)

Sabrina, sabe que não é bem vista pela sua comunidade, e por isso, ela própria se auto denomina de “puta”, sua auto-estima nesse momento encontra-se altamente reduzida e ela não se sente uma pessoa “normal”. Ao observarmos esta auto-denominação percebemos que uma das conseqüências de um ato de violência sexual também pode ser a redução da auto-estima de uma criança, que passa a sentir estranha em seu meio. A falta de ajuda para com essas crianças faz com que elas se envolvam cada vez mais em opções erradas para suas vidas.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lygia Bojunga, nesta obra, abre os olhos de seus leitores para as atrocidades que vem ocorrendo cotidianamente em nosso país. O tom de crítica fica claro quando ela trata de assuntos como a exploração do trabalho infantil, o abuso sexual de crianças e a prostituição infantil. Contudo, não deixa de lado a beleza das mínimas coisas da vida de uma criança, como o receber de presentes, as brincadeiras infantis, as cores pintando tudo o que vive.

Desta forma durante este trabalho pudemos avaliar as possíveis conseqüências de um abuso sexual na vida de uma criança e ver a capacidade do ser humano de se levantar cada vez mais forte mediante as adversidades. A menina Sabrina, após ter sido abusada sexualmente, passou por momentos inegavelmente difíceis, sofreu agressão física por parte de sua patroa, o assassinato de sua Tia Inês e se prostituiu para ter como se alimentar e alimentar a sua avó. Mas mesmo diante de tantos transtornos sempre acreditou que iria se reerguer, e enfim ter uma família, e foi o que aconteceu quando finalmente acabaram-se as desventuras em sua vida, a menina finalmente encontrou um lar junto de Paloma, Andrea Dória e Dona Gracinha.

A prostituição infantil traz conseqüências graves para a vida da criança, como já citamos, as crianças ficam expostas a opinião pública, que na maioria das vezes as tratam com preconceito, ao invés de as ajudarem a sair das ruas. Além disso, meninas cada vez mais jovens engravidam de forma indesejada e põem no mundo mais uma criança de destino incerto, as doenças venéreas atingem grande quantidade dessas meninas, sem falar na redução da auto-estima e evasão escolar dessas crianças.

Assim, alertamos para a necessidade de obras como esta serem lidas e discutidas na escola – espaço onde este tipo de situação pode acontecer – sobretudo nas classes mais pobres. E, desta maneira levar as adolescentes a terem uma visão mais realista da vida, das questões ligadas à sexualidade, procurando quebrar o tabu existente em relação a conversas sobre esse assunto.

Embora a história de Sabrina tenha tido um final feliz, muitas meninas não tem a mesma sorte e se perdem pelo mundo, continuando na prostituição até não servirem mais para o “carga”. E, diante disso, precisamos refletir o

destino de muitas Sabrinhas que estão vivendo em nosso país passando por situações ainda piores que a nossa protagonista. Qual a solução existente para se evitar que meninas sejam abandonadas, estupradas por familiares ou pessoas de confiança, se prostituam? Este questionamento fica em aberto para que reflitamos sobre o futuro das crianças de nosso país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDO, Marta Yumi. *Do texto ao leitor, do leitor ao texto: Um estudo sobre Angélica e O Abraço de Lygia Bojunga Nunes*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Maringá, 2006. 176p. Disponível em:
<http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/myando.pdf> Acesso em: 06/06/2011 às 02:42

ANDRADE, Juliane Cristina & SILVA, Francis Paulina Lopes da. *A prostituta na literatura: contestação e denúncia*. Disponível em:
<http://www.ichs.ufop.br/conifes/anais/LCA/lca2701.htm> Acesso em: 06/06/2011 às 00:35

BARBOSA, Romilda Meira de Souza. *O sujeito da prostituição na mídia*. Disponível em:
<http://www.uems.br/na/discursividade/Arquivos/edicao02/pdf/Romilda%20Meire%20Barbosa.pdf> Acesso em: 21/06/2010 às 09:01

BRAIT, Beth. *A personagem*. 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 1987. Série Princípios.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira: séculos XIX e XX*. 4. ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995. p. 655-669.

CUNHA, Eveline & FEBA, Berta Lúcia Tagliari. *Do universo de 'O bife e a pipoca' à realidade do leitor: O caminho emancipatório na leitura bojunguiana*. Revista Multidisciplinar da Uniesp. Saber Acadêmico - n.º 06 - Dez. 2008/ ISSN 1980-5950. p. 192-194. Disponível em
<http://www.uniesp.edu.br/revista/revista6/pdf/21.pdf> . Acesso em 16/10/2011 às 00: 23

FEBA, Berta Lúcia Tagliari. *Os colegas, de Lygia Bojunga Nunes: Um estudo da recepção no ensino fundamental*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Maringá, 2005. 150p. Disponível em:

<http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/bltfeba.pdf> Acesso em: 06/06/2011 às 02:59

FERNANDES, Camila de Souza & MARTHA, Alice Áurea Penteado. *Caminho de leitura em Sapato de Salto, de Lygia Bojunga*. Disponível em: http://www.pucrs.br/edipucrs/CILLIJ/praticas/Caminhos_de_leitura_em_Sapato_de_salto,_de_Lygia_Bojunga.pdf Acesso em: 21/06/2010 às 09:10

GANCHHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Editora Ática, 1991. Série Princípios.

GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza & FONTOURA, Helena Amaral da. *A prostituição infantil sob a ótica da sociedade e da saúde*. Rev. Saúde pública, 33 (2): 2-9, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v33n2/0058.pdf> Acesso em: 24/10/2010 às 09:25.

GOMES, Romeu. *Prostituição Infantil: Uma Questão de Saúde Pública*. Cad. Saúde Pública., Rio de Janeiro, 10 (1): 58-66, Jan/Mar, 1994. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v10n1/v10n1a07.pdf> Acesso em: 21/06/2010 às 09:25.

MELLO, Ana Maria Lisboa de. *O “sopro de vida” em o sofá estampado*. In: TURCHI, Maria Zaira & SILVA, Vera Maria Tietzmann (Org.). *Literatura infanto-juvenil: leituras críticas*. Goiânia: Editora da UFG, 2002. p. 145-154.

NUNES, Lygia Bojunga. *A cama*. Rio de Janeiro: Agir, 1999.

_____. *Corda Bamba*. 10. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1979.

_____. *O abraço*. 3. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1997

_____. *O bife e a pipoca*. In: _____. *Tchau*. 19. ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 1984.

_____. *Sapato de Salto*. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2006.

_____. *Livro: Um encontro Lygia Bojunga*. 4. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2001.

PEREIRA, Armando. *Prostituição, uma visão global*. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas S.A., 1976.

PINHEIRO, Hélder (org.). *Pesquisa em Literatura*. Campina Grande: Bagagem, 2003.

RIBEIRO, Moneda Oliveira & DIAS, Aretuzza de Fátima. *Prostituição infanto-juvenil: Revisão sistemática da literatura*. São Paulo: Rev. Esc, Emferm. USP, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v43n2/a29v43n2.pdf>
Acesso em: 12/09/2010 às 21:12.

SILVA, vera Maria Tietzmann. *O mar da ficção de Lygia*. In:_____. *Literatura infanto-juvenil; seis autores, seis estudos*. Goiânia: Editora da UFG, 1994. p. 85-109.

TORRES, Gilson de Vasconcelos; DAVIM, Rejane Marie Barbosa & COSTA, Teresa Neumann Alcofarado da. *Prostituição: causas e perspectivas de um futuro em um grupo de jovens*. *Rev.latino-am.enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 7, n. 3, p. 9-15, julho 1999. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v7n3/13471.pdf> Acesso em: 12/09/2010 às 22:02.